



Estabelecimentos GLS: consumo, "rótulos" e preconceito

GLS Establishments: consumption, "labels" and prejudice

Geovana Larissa Alves da Silva*

Ingred Emanuelle Soares Nascimento*

Salomão Victor Furbino Bragança*

José Aparecido de Oliveira*

Resumo: neste artigo procura-se iniciar através de revisão de literatura e visita a bares e boates GLS, uma discussão a respeito das relações entre sexualidade, consumo, estilo de vida e classe, tomando como foco aspectos relacionados ao mercado direcionado a homossexuais em geral. Esse mercado torna-se um campo importante para a reflexão acerca da construção de identidades coletivas relacionadas à sexualidade, considerando que cria diversas divisões em torno do que é "ser homossexual", da sexualidade de forma geral e padrões de estilo de vida ligados à sexualidade. Mostrando uma sociedade heteronormativa mesmo nesses ambientes homossexuais e o quanto o comportamento destas minorias são influenciados devido a esse padrão de sociedade.

Palavras-chave: público LGBT; homossexualidade; estabelecimentos; sociedade; comportamento.

Abstract: in this article we seek to start by reviewing literature and visiting GLS bars and nightclubs, a discussion about the relationships between sexuality, consumption, lifestyle and class, focusing on aspects related to the market aimed at homosexuals in general. This market becomes an important field for reflection on the construction of

*Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Estudos Administrativos–FEAD.
geovanalarissaalves45@gmail.com

*Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Estudos Administrativos–FEAD.
ingrednascimento2011@gmail.com

* Graduando em Psicologia pela Faculdade de Estudos Administrativos–FEAD.
victorscold@hotmail.com

*Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em docência da Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos. Graduado em Jornalismo pela Fundação Cultural de BH (UNI-BH). Docente do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix.
aparece@gmail.com



collective identities related to sexuality, considering that it creates diverse divisions around what is to be "homosexual", of sexuality in general and patterns of lifestyle linked to sexuality. Showing a heteronormative society even in these homosexual environments and how much the behavior of these minorities are influenced by this pattern of society.

Keywords: public lgbt; homosexuality; establishments; society; behavior.

Introdução

A sexualidade do homossexual é muitas das vezes ridicularizada, e menosprezada pelos próprios membros da comunidade. Seus gostos, fetiches e vontades, quando expressados são motivo de chacota e julgamentos, pela sociedade atual, e até muitas das vezes da própria comunidade LGBT, sofrem pressão se repreendem, sem fazer o que realmente sentem vontade. O que trouxe essa voz a essa comunidade, seja para falar de seus gostos sexuais ou outros diversos assuntos, foram às lutas sociais e passeatas feitas pelo público LGBT, fazendo a expansão da causa e do grupo ficar cada vez maior. A expansão da causa LGBT nos tempos atuais tomou corpo devido à força e coragem dada pelos antigos que batalharam arduamente por seus direitos e suas convicções.

O público LGBT está presente em todo tipo de estabelecimento. As diferenças entre o público hétero e o LGBT, sendo elas comportamentais ou musicais, fizeram com que estes grupos se distanciassem um do outro, conseqüentemente por estas diferenças sociais e pessoais. A grande massa de gays, lésbicas, bissexuais e transexuais, prefere conviver entre si, para evitar certos tipos de conflitos, e até mesmo por seus gostos diferenciados dos demais grupos, principalmente para que se sintam mais confortáveis num ambiente feito para eles, com pessoas iguais a eles. O público LGBT é muito procurado pelos empresários do ramo comercial envolvendo bares e boates, por ser um público sempre em busca de prazeres, e ao usar desse fator, conseguem retirar uma quantia louvável deste público. Muitos desses locais nas grandes cidades, onde está localizado grande parte dos locais LGBT, são nomeados também como GLS, abrangendo sua rede, não só à comunidade LGBT, mas também a simpatizantes, que gostam e trabalham juntos com a comunidade LGBT por seus direitos.

Preconceito em evidência

O preconceito contra o público LGBT é recorrente na sociedade atual e muitas vezes o que mais espanta e que o pior preconceito deste público, está entre os próprios LGBT. Almeida (2011) traz isso como evidência o preconceito, dentro principalmente do grupo gay, onde a procura de um parceiro, ou como o próprio autor diz um contexto de "caça", em um contexto da busca amorosa, o preconceito vai aparecer com mais frequência, devido à venda de si mesmo, usando atributos que se acham mais valorizados que outros e tendo comentários que se valoriza a si próprio e desvaloriza o outro.



O modo de tratar uns aos outros vem se transformando com o tempo, palavras que antes era se usada para unicamente desprezo do ser, hoje entre o grupo gay, é usada como forma de brincadeira, gozação ou até mesmo um "apelido". A palavra "bicha" (do francês *biche*, *corsa*, ou até mesmo referindo-se a verme) no passado era usada pelo público reverso, para como um escárnio, afrontar e menosprezar o homossexual, mas talvez se mostrando um público que não se deixa abater muito facilmente, trouxeram a mesma palavra para dentro do seu próprio ciclo, passando assim por cima do preconceito e ultrapassando diversas barreiras, que foram construídas durante as últimas décadas, e o mais interessante nisto tudo, é a força que estes grupos vêm demonstrando com o passar do tempo, lutando pelos seus direitos e seu lugar na sociedade.

"Apesar de os estereótipos não serem necessariamente negativos, no que tange aos homossexuais não observamos muitos pontos positivos quando estereotipados." (ALMEIDA, 2011). Uma grande maioria do público LGBT, mesmo não sendo usado como forma de chacota, não gosta destas formas de apelido ou abordagem, como chamado de "bicha", "veado", "puta", são muitas das vezes constrangedoras para o abordado, e os que dentro do grupo, insistem em usar este tipo de conotação, são os que na grande maioria das vezes, mais sofrem com xingamentos e estereótipos, e usam das mesmas palavras como válvula de escape, para sua provável dor.

Almeida (2011, *apud* MUÑOZ, 1996) exemplifica como os homossexuais no geral são percebidos, pelos olhares da cultura popular, com conotações como: Homogeneidade, Hipersexualização, Infelicidade, Promiscuidade, Afeminado, Sexo Anal, devido ao componente comportamental da grande massa gay ou LGBT, fazendo que assim, por causa de uma minoria, toda a comunidade LGBT, seja representada desta forma pejorativa.

A homossexualidade dentro do contexto da sociedade atual é muita das vezes ignorada pelos demais, sendo um assunto de "sentido comum", preferindo que esta sexualidade não exista, sendo também nada adequado falar sobre o tema, e quando se fala usa conotações pejorativas como forma de acusação, como se o indivíduo tivesse culpa, se fosse algo errado ou pecado (forma usada por religiosos para acusações para certos tipos de sexualidade), uma pessoa ser lésbica, gay, etc. A sociedade tradicional e a sociedade atual criam suas crianças, em especial os meninos, para a construção do "homem ideal", um ser que manda, que trabalha, e qualquer desconstrução deste homem "ideal", sai dos padrões que a sociedade adverte e prioriza.

A questão da construção do gênero é muito importante para entender o relacionamento homossexual, já que vivemos em uma sociedade que nos educou para sermos heterossexuais, para nos casarmos e para termos filhos. Essa mesma sociedade contribuiu para a representação do homem trabalhador, homem pai, homem sexo, homem violência homem razão, e se vê hoje frente a questões como: "o que é ser homem?", "o que quer um homem no contexto contemporâneo?" (ALMEIDA 2011, p. 8).



É possível observar que no segmento social, travestis e transexuais não tem espaço no mercado de trabalho formal por causa do preconceito cultural presente na sociedade. Este segmento social não consegue um emprego formal e por isso, na maioria das vezes, realiza trabalho informal e/ou atua na prostituição.

Não há como afirmar que travestis e transexuais não são capazes e competentes só pelo fato de assumirem suas identidades de gênero perante a sociedade. Pois afirmar isto é promover a intolerância ao diferente e negar a existência de todos os direitos conquistados até hoje. Promover a diversidade é se apresentar como responsável diante da realidade social. É demonstrar que respeitar as diferenças humanas gera integração entre as pessoas e crescimento em todos os setores da sociedade. Ao respeitar e incluir a pessoa que nos é diferente nós mostramos que somos cidadãos conscientes (VASCONCELLOS, p.12. 2014).

A discriminação que as travestis e os/as transexuais sofrem no mercado de trabalho deve ser repensada em responsabilidade social para as empresas. Em toda sociedade há diversidade de raça, de gênero, de orientação sexual, de aparência, de pensamento ideológico e de visão de mundo. Incluir pessoas diferentes num mesmo ambiente causa inclusão, criatividade, maior produção de ideias e opiniões sobre um determinado assunto, integração e aceitação social, fixação de talentos, entre outros benefícios. Uma pessoa que trabalha numa empresa que aceita a diversidade humana se sente respeitada e motivada pela organização.

O preconceito dentro da própria comunidade LGBT também dever ser repensada, afinal um grupo social que está sempre em busca de seus direitos não deve se dividir e pregar o ódio dentro da própria sigla, devem sempre andar juntos para conquistarem mais direitos e mais tolerância dentro da sociedade heteronormativa que é a sociedade brasileira.

A diversão e o consumo do mundo LGBT

O público LGBT procura dentro das suas condições, vários programas diferentes, e muita das vezes, programas exclusivamente LGBT, onde se sentem mais confortáveis e abertos para serem como são. Oliveira (2014) apresenta o “Cine Regina”, um ponto acessível para o público LGBT, um cinema como o próprio nome induz, mas um cinema erótico.

O “cine” atualmente é usado como ponto para uma forma privada de afeto para público LGBT, que por preconceito, e falta de liberdade, como um casal hétero teria, em demonstrar afeto em público. Uma porcentagem dos frequentadores do “Cine Regina” é majoritariamente de homens que se autointitulam héteros, e que recorrem ao “cine” para garantir sua privacidade e discrição para relações homo afetivas.

Outro caso para esses estabelecimentos são os "Dark Rooms", locais em boates GLS para além do uso da pornografia visual, é um local reservado para sexo entre parceiros,



ou até mesmo trio o que ocorre muito dentro do contexto sexual GLS, usados não só para sexo oral, mas também ao sexo anal.

O “Cine Regina” e os “*Dark Rooms*” são somente um pequeno exemplo de vários estabelecimentos, ao redor de todo o Brasil, onde o público LGBT pode de se expressar e ser quem são. Danceterias, boates, bares, voltados para o público LGBT, vem crescendo gradativamente nas últimas décadas, pela expansão do público LGBT na sociedade atual. O “Pink Money” ou “Dinheiro Rosa” é extremamente almejado pelos empresários, donos e representantes, destes estabelecimentos, pois cerca de 90% do público LGBT, não tem filhos, casa própria, e ainda por ser uma maioria mais jovem, moram com seus Pais ou familiares, fazendo assim, o uso deste dinheiro de forma mais explícita e muitas vezes sem escrúpulos, sem preocupação.

França (2009) explica sobre a diferenciação dos locais LGBT para GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), onde o segundo são de certa forma para todos os públicos, tantos homossexuais quanto heterossexuais simpatizantes com a causa LGBT, mesmo sendo que nos dias atuais, praticamente todos os locais ao público LGBT são também voltados aos simpatizantes, devido à liberdade de expressão que a comunidade LGBT ganhou com o tempo e evolução da compreensão humanitária que vem junto com a nova geração de jovens.

Os prazeres do corpo

O público LGBT é visto pela sociedade como promíscuos, vulgares, e coisas ainda piores, que são chamados pelos cantos das ruas. A sexualização é principalmente vulgarizada pelo público gay, devido à visibilidade gay feita pela mídia, que incentiva e ao mesmo tempo atrapalha o comportamento dos gays, quando muitas das vezes não são leais quando em um relacionamento, ou se embriagam e assim fazem que o próprio grupo LGBT tenha preconceito ou receio destes comportamentos.

Braga (2010) em seu artigo antropológico se aproximou dos entrevistados para descobrir como eles se compartilham uns com os outros e se portam nestes lugares, percebendo que os entrevistados por eles, usam palavras como “passiva”, “ativa”, “versátil” para se identificar sexualmente e assim conseguir seus parceiros na noite, e muitas das vezes só por aquela noite. Muitos deles usam como já citados acima, os “*Dark Rooms*” para a relação sexual naquele momento, tendo não só um parceiro por noite.

No caso ainda dos Bissexuais, que são muitas das vezes julgados como safados, tarados ou espertos, por ficarem com ambos os sexos, são principalmente excluídos pela própria comunidade LGBT, onde os mesmos não conseguem entender que uma pessoa consegue sentir atração pelos dois sexos, fazendo assim que não vivam sua verdadeira sexualidade em muitas das vezes.



Os LGBT e sua expansão

O ciclo LGBT talvez como uma forma de separação entre si, de uma forma positiva, e de classificação pessoal, se denomina de diversas formas. França (2007) nos demonstra que devida à expansão do mundo LGBT isso foi necessário, e feito pelo próprio público entre si, e ela explica o motivo dizendo:

A segmentação de espaços destinados ao público homossexual acontece simultaneamente a um processo de multiplicação de identidades no interior do movimento GLBT. Emergem também subgrupos, incentivados pela proliferação de fóruns e listas de discussão na internet e pertencentes principalmente ao segmento dos gays (FRANCA, 2009).

Essas subdivisões foram necessárias para a separação dos grupos em si, para cada grupo tomasse sua característica e se encontrasse, e que fosse cada vez mais fácil de serem acessados e identificados por outros indivíduos perdidos no meio LGBT. A saída da comunidade LGBT dos becos e ruelas, foi de extrema importância para os, gays, lésbicas, bissexuais e transexuais, escondidos em suas residências, à luta LGBT dos anos 90 deu voz e visão para a comunidade, fazendo que grandes astros da mídia se assumissem, e desde então mostrado em novelas, filmes mais explicitamente.

Dessa maneira, é importante ressaltar que processos como um maior debate público a respeito da homossexualidade, o reforço de determinado modelo de classificação da homossexualidade, o fortalecimento de uma ideia de “orgulho” e “visibilidade” (FRANCA, 2009).

O orgulho que não se existia em muitas das pessoas homossexuais, devido a grande repressão sexual que havia a várias décadas, impediu que muitas dessas pessoas, não sentissem orgulho de quem são de quem gostam e do que gostam. Não que na sociedade atual não há repressão, mas devido a este orgulho implantado pelas lutas, foi dado força para que os homossexuais dos tempos atuais lutem com coragem e orgulho por quem realmente são e por seu lugar na sociedade.

Etnografia

Apesar do preconceito com a comunidade LGBTQ ainda persistir ao passar dos anos, os empreendedores viram a necessidade da criação dos estabelecimentos para esse tipo de público, com um olhar mais para o consumo dessa comunidade. Os estabelecimentos GLS vêm crescendo cada vez mais nos dias de hoje, tornando-os assim mais abrangentes. A maioria destes estabelecimentos tem investido bastante no meio, devido ao crescimento extraordinário que a comunidade GLS vem tendo durante os últimos anos, não só de Gays e Lésbicas, mas também, de pessoas que também defendem a causa e a luta pelos direitos LGBTQ, como a própria sigla diz. Um local destinado às minorias, que devido a uma sociedade heteronormativa não se sente a vontade em frequentar lugares dos quais, não podem ser quem são. Este tipo de ambiente



heteronormativo aprisiona a comunidade LGBTQ em uma heterossexualidade farsante, fazendo com que eles assumam um papel heterossexual, a fim de serem aceitos no meio social.

No meio de uma conversa com um rapaz, 22 anos e gay, foi relatado por ele, que os estabelecimentos que tinha seu público composto por travestis, era um local "perigoso e com gente esquisita", o mesmo disse que não era um lugar agradável, pois além de travestis, o local teria muito "viado", referindo-se aos gays afeminado. O comportamento de João é muito comum no padrão homossexual de uma sociedade classe média alta para além de referir, denegrir a imagem desta porcentagem de integrantes da sigla, que eles mesmos fazem parte. A partir desse momento vimos certo padrão de cada estabelecimento frequentado.

Em uma boate na zona sul de BH (Figura 1), seus frequentadores na maioria são homens, brancos, de ate meia idade e com vestimentas bem próximas. Notamos que o preço na entrada é mais alto, na fila há demora no atendimento e entrada ao estabelecimento é ponto de reclamações dos frequentadores do ambiente, devido ao atendimento manual, fazendo dele demorado e desgastante. Muitos dos entrevistados frisaram este ponto negativo da boate, além do preço alto de entrada e consumo, que estão entre trinta e cinquenta reais, com drinks que chegam ate cinquenta reais. O rapaz no decorrer da noite nos acompanhou na visita explicando todo o funcionamento do ambiente e se divertindo conosco. Segundo o entrevistado o tipo de música que normalmente é tocada no estabelecimento, é voltado para o POP internacional, quanto nacional, e foi realmente o que vimos. Apesar de que no inicio da madrugada, as musicas foram ficando mais ecléticas, tocando de Funk a Axé e até mesmo músicas infantis dos anos 2000.

No nosso olhar antropológico do local, o comportamento dos indivíduos é de bastante animação, contendo danças ousadas e diversificadas, dependendo do grupo de amigos e de cada particularidade dos frequentadores. Ao nos divertirmos com João ele nos convidou para que dançássemos com ele, dizendo "Vamos bater a raba no chão gente?", percebemos que este tipo linguajar é bastante utilizado pela comunidade, pois ouvimos esta fala por várias outras pessoas que estavam na boate.

Percebemos que o preconceito com Transexuais e Travestis é recorrente inclusive na comunidade LGBTQ e nos estabelecimentos destinados a esse publico, pois no local há apenas uma transexual trabalhando, e a maioria de seus funcionários são homossexuais. As vagas no mercado de trabalho para o público transexual são escassas, percebemos que os próprios locais GLS não dão prioridades a essa minoria, sobrando assim a vida nas ruas e na prostituição. Depois de observar e conversar com os frequentadores deste estabelecimento, vimos que é cada vez mais segmentado este grupo, havendo a própria exclusão daqueles que esperávamos ser incluídos, como os travestis.

No segundo evento visitado (Figura 2), fomos a uma festa temática de uma boate específica e percebemos ainda mais o estilo padrão gay masculino, constituídos por homens fortes, ou até mesmo pode se dizer "bombados", com um padrão de beleza

estabelecido pela sociedade e mídia, que não é de se assustar, mas não se impede de admirar. Ao entrar no local da festa, que teve como anfitriã uma grande boate de Belo Horizonte, já encontramos rapazes dançando em ritmo sensual e seminus, para mostrar um ar de sexualização e prazer do corpo.

Figura 1 – Boate (primeiro local visitado).



Fonte: os autores

Durante toda a festa, que começou na noite de um dia e terminou na manhã do outro, percebemos a mudança de comportamento dos participantes do evento. Ao cair da noite foram se tornando mais ousados, sensuais e muitos já sem camisa, que foram sendo tiradas no decorrer da festa, mesmo apesar do frio que lá fazia. Percebemos queixas de alguns, se referindo ao som muito alto, mesmo se tratando de uma festa eletrônica. A "pegação" nesse lugar chega a ser exagerada e promíscua, pois apesar de uma grande porcentagem de casais que foram juntos para a festa, vimos troca de casais, pessoas que ficaram com quatro ou mais pessoas em questões de minutos, coisas que não acontecem só neste tipo de festa LGBTQ, mas na maioria delas, o que é uma forma de comportamento que gera o preconceito para toda a comunidade, mesmo para os que não concordam com este tipo de atitude.

Uma festa com temática praticamente voltada ao público Gay, desde a entrada, as vestes dos artistas e dos que trabalham no evento. O evento contou com mais de 1000 pessoas, número menor do que na primeira festa, que já conta com duas edições.

Não menos importante, o terceiro local visitado (Figura 3), um bar, karaokê, rústico, mas aconchegante, onde se encontra todos os tipos de personalidades, sexos, um local de toda forma, para todos, O bar no centro de Belo Horizonte, numa área mais periférica, que se vê de "braços abertos" a todos o tipo de gente, de pobre à rico,

homossexual à heterossexual, foi o que mais nos encantou com a simplicidade no atendimento e no tipo de frequentadores.

Figura 2 – Festa temática (segundo local visitado).



Fonte: os autores

Conhecendo o local conseguimos conversar com dois amigos Lucas e Messias, que se dizem frequentadores árdios do local, que não o trocam por qualquer outro. O bar possui várias áreas de convivência, na parte externa, ficam as pessoas, que segundo Lucas e Messias "não sabem cantar, ou não gostam de barulho", a parte interior contém mesas onde casais e amigos conversam e "trocam ideias" e conhecem novas pessoas. Lucas e Messias ainda nos contaram, sobre certa vez que eles conheceram um "gringo" no local, que viria da Austrália para conhecer o país e passava pela cidade, "Era um sapão e ficou de olho no Messi, mas como ele não sabe falar inglês perdeu o boy. Deu mole migo" brincou Lucas, sendo logo repreendido de forma calorosa por Messias "Para Lu, vai atrapalhar os meninos com o trabalho".

Na parte de cima onde ocorre o Karaokê é um lugar mais cheio, destinado para a diversão dos frequentadores, onde eles cantam, dançam e brincam. Lucas ainda disse "Aqui a gente pode ser criança de novo". As músicas são de todos os tipos e gostos, POP, Sertanejo, Música Infantil, etc... as pessoas podem ser o que são, gostar do estilo que gostam e fazer o que bem entendem, pois ali elas são aceitas da forma que são.

Não vistamos a parte traseira externa do bar, pois acabamos não sabendo da existência da mesma, mas pelo que se ouve e se diz, é um lugar onde o usuário de maconha, pode

fazer seu uso sem restrição, pois no local não há conduta restritiva para isso. Um lugar descontraído e que aceita e respeita qualquer tipo de pessoa, e desse tipo de ambiente que o mundo e a comunidade LGBTQ precisam.

Figura 4 – Bar (terceiro local visitado).



Fonte: os autores

Considerações finais

No início da pesquisa para a conclusão desse trabalho, procurou discorrer sobre os estabelecimentos GLS e o comportamento de seus frequentadores, mas durante a leitura de outros artigos, notou-se que o tema abordado possui muitos outros questionamentos aprofundados não só nos estabelecimentos GLS em si, mas também nas individualidades dos frequentadores (gays, lésbicas, travestis, transexuais e simpatizantes), questões de gênero, preconceito dentro e fora da comunidade LGBT e visões de mundo.

Conclui-se também que a comunidade LGBT, mesmo com todos os problemas enfrentados nos últimos tempos, conseguiu tomar seu lugar na sociedade, fazendo que seu público crescesse e se impusesse na sociedade. Mesmo sofrendo forte repressão e preconceito pela parcela machista que ainda é dispersa na sociedade, a comunidade LGBT conseguiu formas para se estabelecer nesta mesma sociedade, seu vínculo e sua posição, conquistando seu espaço, sejam eles como passeatas ou seus próprios locais de diversão e entretenimento. Muitos destes LGBT se difundiram não somente nestas classificações habituais, mas em outras subclassificações dentro da própria comunidade, como uma forma de criação de grupos e raízes sociais, para que cada um consiga se identificar com seu grupo específico. Os membros desta comunidade, devido ao grande período que tiveram de repressão sexual, ao se entregarem inteiramente a esta sexualização, são vistos como depravados e promíscuos, coisa que não os abalam em si,



mas monopoliza a ideia de promiscuidade a toda comunidade LGBT. A Comunidade ainda tem muito a procurar, muitas lutas para ganhar, e muito espaço para conseguir, a luta contra o preconceito dentro da própria comunidade e o estopim para o início de todas as lutas, pois se existe preconceito dentro da própria comunidade, e motivo para que fora também haja. A união da sociedade LGBT é indispensável para a conquista de espaço na sociedade, pois juntos a voz da comunidade ganha força para lutar por seus direitos e conquistas. Mesmo com toda a expansão que a comunidade vem ganhando na sociedade a falta da unidade entre a própria comunidade gera banalização pela luta e conquista por seus direitos.

Todos os materiais de pesquisas e métodos proporcionaram a reflexão sobre o tema e a conclusão de forma a trazer um vasto aprendizado sobre ambientes nunca visitados antes, a potencialidade de consumo dos frequentadores, comportamentos, estilo de vida, e padronização de tais estabelecimentos.

Referências

ALMEIDA, D.M.V. Sou Gay porém totalmente discreto: Os Estereótipos e a criação do ethos em um site de relacionamento gay. **Revele**, n.3, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/3930>>. Acesso em: 09 mai. 2017.

BRAGA, G.T. **Os meninos e os modernos**: Diferenças e trânsitos na “noite gay” Paulistana. São Paulo, 2013.

CURZIO, P. H. A.; ALTAF, J. G.; TROCCOLI, I. R. Vai ao Musik? A satisfação do cliente gay com serviços de entretenimento. **Reuna**, v. 18, n. 1, p. 57-72, 2013. . Disponível em: <<http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/view/412>>. Acessado em: 05 mai. 2017

FRANÇA, I.L. **Cercas e Pontes**. O Movimento GLBT e o Mercado GLS na Cidade de São Paulo. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-83332007000100011&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 01 mai. 2017.

SILVEIRA, C.L. **Rede de apoio social dos cuidadores de familiares com doença crônica de uma comunidade remanescente de quilombos**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)-Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em: 15 mai. 2013.

OLIVEIRA, U.G. No mundo do prazer: Uma experiência etnográfica no cine Regina. In: SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA DA UFSCAR, 2014, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, **Anais**. p. 594-606, 2014. Disponível em:



<<http://www.seminariodeantropologia.ufscar.br/wp-content/uploads/ANAIS-DO-III-semin%C3%A1rio-de-antropologia.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2017

VASCONCELLOS, L. Travestis e transexuais no mercado de trabalho In: X CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 2014. Rio de Janeiro. **Anais.** p.3-17, 2014. Disponível em: <http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0409.pdf>. Acesso em: mai. 2017.